B. B. 5-1352 f.

NOVA DEMANDA, E SENTENÇA A FAVOR

DOS OFFICIAES, APRENDIZES E DEGREDO DOS ERAM

ALVIÇARAS SENHORES OFFICIAES, E APRENDIZES dizes que vay o Seraõ degradado.

VOlitavaõ pelo ar os pavidos morcegos, chiavaõ nos ramos os noturnos mochos, e bulcavaõ os campanarios das Igrejas as azeiteiras corujas; huns com medo que as outras aves lhe chegassem ao pelo; outros receyando que todas para elles fossem picanços, e as ultimas, com menos medo que pouca vergonha, se recolhiaõ a sagrado, proveito mais pelo de lamberem as torcidas, que pelo terror delerem depenadas, quando (lá aonde quer que for, que tanto naõ me importa dizer) depois de ter hum mestre sapateiro, a sua candeya acceza, parece já convidando os fabricantes do seu officio, para a continuaçaõ de seus tacões, sem que nisto falhasse o aprendiz em

rieb 627403

em tudo, e por tudo o mais prejudicado. De má vontade fe chegaraõ, pois viaõ naõ fer couſa de enſaçar pela cara dentro. Começaraõ os officiaes, e ſò o pobre do aprendiz perdia a paciencia, dizia elle; e dizia bem: Eu de dia burro da caza, e de noute, bugio de tripeça? Naõ aturo a corriola, façome moquenquo, e depois ſomno no caſo, que tanta tolice cõmigo já naõ cozo. Sentoule o coitado, e enſarolando a ſua linha começou á dar os ſeus pontos, e como naõ eſtava já para aquelles pontos, foy verdadeiramente, dando á execuçaõ o que tinha meditado para fingimento, e começando a penderlhe a cabeça, ſem mais ceremonia entrou a roncar, como quem já dormia a ſono ſolto. Mas apenas o Meſtre o pilhou no argumento, dezenrolado tirapé, e cingindolhe o caxaço, tanto lhe puxou pelas corrêas, que logo lhe facudio o ſono do corpo, e fez que o aprendiz começaſſe a blasfemar da ſua vida, porque depois que acabou (por modo de quem tem pulgas,) de coçar o cotz dos calçoens, e dando hum pullo, com as lagrimas nos olhos e poz no olho da rua, e abalando por ella fóra, que ſem duvida era o chiado, convocou, quantos aprendiaõ naquelle diſtricto o ſeu arraſtado exercicio, e paſſando a outros bairros, ſe lhe agregaraõ tantos deſcontentes, quantos eraõ os aprendizes dos officios que ha neſta Cidade de Lisboa. Junto que foy o plebeo miudo buſcaraõ hum Tribunal, que elles bem ſabiaõ, aonde era Juiz Preſidente, hum venerando velho chamado Anno, de idade de mil e ſete centos e cincoenta e dous, entrou aquelle amotinado povo, pela ſala dentro pedindo juſtiça. Alterouſe o Juiz vendo tanto motim, e tanta abundancia de gente, e a cauſa do ſeu medo foy recear perderſe; porque muita gente junta naõ ſe ſalva. Perguntalhes o motivo do ſeu alvoroço? Reſpondemlhe Juſtiça. Contra quem? lhe repergunta. Contra o Seraõ lhe dizem, juſtiça, e mais juſtiça. Pois chamele o Seraõ diſſe o Juiz, palavras naõ eraõ ditas, quando ſahiraõ dous beliguins, para prenderem o tal mocetaõ. Prezo que foy, o tronxeraõ à preſença do Juiz, que logo mandou aos queixolos, diſſeſſem ſeus aggravos, para nelles ſe fazer hum exemplar caſtigo,

co-

começou o aprendiz de sapateiro, como mais offendido a queixarse com lastima dos ouvintes, e o fez por este modo.

Eu senhor Doutor Juiz
Do Serão hoje me aqueixo;
Pois elle fez que meu Mestre
Me chegasse bem ao pelo.
Tem elle Réo commetido
Nesta Cidade hum Duélo,
Que merece huma vingança
Para que sirva de exemplo.
Tem metido na cabeça
Aos Mestres hum grande erro,
Que faz que aos aprendizes
Se dê sempre paõ de perros.
Faz que os Mestres, que de dia
Nos occupaõ como servos,
De noute, como macacos,
Nos tenhaõ prezos ao sepo.
Isto se fosse tòmente
Por hum limitado tempo,
Vaya con Dios que se ature,
Porèm he lá ao seu geito.
Inda que fosse huma noute,
Tamanha como hum inteiro
Anno, se a mais naõ passara,
Podia ter sofrimento.
Porèm se a caso dormimos,
Que a noute naõ he mysterio,
Truz carolo para logo
Nos massaõ alma, e cagueiro.
Noutro dia, por acaso
Pescando estive ao candeyo,
E por isso pozme em pele,
Pingoume a traz sem ser negro.

De tudo iſto tem culpa
Eſſe Réo que eſtamos vendo;
Pois todos os noſſos males
Tiveraõ nelle o começo.
E ainda por mais ajuda
Tudo iſto por ſeu concelho,
Deu-me o ſomno, vay o Meſtre,
E moeu me a murro ſeco.
Pucha pelo tirapè
Vay o cachaço co' o demo:
E quando Deos he ſervido
Anda o bucho ſobre o pélo.
Mal haja o filho da puta,
Que inventou tal inſtrumento;
Pois com elle a cada paſſo
Nos empanzinaõ ſem medo.
Inda agora ſuccedeo
Que o ſomno a torto, e direito,
Commigo a contas entraſſe
Aſſim por hum pouco tempo.
Vay o bebado do Meſtre
Sacame o ſomno a paſſeyo,
Sem alma, nem conſciencia
Com hum chimpanaſio fero.
No titapé agarrando,
Me peſpegou aqui meſmo,
O ſomno foy c'os diabos
A pelle ficou-me ardendo.
Aqui bem junto da nuca
Me toſquiou o cabello,
E ſem mais dizer affaſta
Nas orelhas o ſom veyo.
Filho da chucha ſupponho
Que elle he malſim dos dezertos,
Pois na cova do ladraõ
Eſperava paſſageiros.

E ſenaõ fujo depreſſa
Antonces a Deos dinheiro;
Certamente fico morto,
Matame o filho do demo.
De S. Criſpim co' o Rozario
Entrava a contas, e creyo,
Que entaõ faria de veras
Mil extremos, ſem myſterio;
De tudo quem tem a culpa
He eſſe negro ſendeiro,
Seraõ que preſente eſtá
Sem já mofa eſtar fazendo.
Hum bem exemplar caſtigo
Merece pelos ſeus erros:
Olhe como eſtà callado
Tapaõlhe a boca ſeus feitos!
Para a Ilha dos Macacos,
Que vá degradado peço,
Vá lá pentear bugios,
E deixenos em ſocego.
Fama he publica, e conſtante
Pelo que faltar proteſto,
E que ſe faça juſtiça,
Com baſtante comprimento;

Acabou de arrezoar o aprendiz de ſapateiro; e fazendo cortezia deu final, que ſe lhe eſgotara a medicina, e logo o Juiz mandou ao Réo que diſſeſſe de ſua juſtiça, e elle ſurumbatico, e caſmurro, ſem levantar os olhos, mordendo os beiços, naõ diſſe nada, e de *more ſolito* ficou lançado, mandou continuar o proceſſo, e ſeguioſe o aprendiz de Alfayate que trovejandolhe as culpas, o accuſou por eſte modo.

Pois

Pois ainda o meu aggravo
muito mayor moſtra ſer
quanta he a força que põem
meu meſtre n'um páo q tem
Inda agora com hum banco
me atirou, permittio Deos,
q naõ me apanhou os calcos,
pois ſe os pilha a Deos Ma-
nel.
A gente cá naõ he ſanta
dalhe o ſõno algũa vez,
vay o meſtre aſſizinado,
zabumba, caneca ay lé.
Truz catruz, quem merca os
fuzos,
ſe faltar a agulha vé;
pois ſuper mim a effuzaõ,
me cahe naõ ſendo Judêo.
Inda agora neſte inſtante
ſò porque o ſõno me dêo
naõ faz nada, c'um arroxo
ver as Eſtrellas me fez.
E foy aſno; porque eu ſò
com os olhos dormitey,
e elle com as taponas
me fez todo adormecer.
Que trabalhemos de dia
Eu digo que juſto he,
Porém trabalhar de noite,
iſſo, nem Mouros de Argel.
Se acaſo fica em Lisboa
Os Medicos cedo tem
Que fazer, q em tal trabalho
Muy certa a doença vem.
Iſſo he muito perjuizo,
E aſſim venho requerer,
Que o Seraõ depreſſa morra
Por levantador da grey.
Iſſo baſta, pois ſe o vemos
Hũa vez, ja ſem dar fé
Juramos de dizer ſempre
Ay nita nanita ay né.
Ao menos vá degradado
Para a America; porque
Na Preguiça do Braſil
Hum grande caſtigo tem.
Tenho dito o meu libello
Hoje a tantos de tal mez,
Peço em fim recebimento,
E proteſto cuſtas ter.

Acabou de dizer o mencionado aprendiz, e logo o Juiz levantando os olhos, arqueando as ſobrancelhas começou a proferir a ſentença, que de verbo ad verbum he a ſeguinte.

Viſtos os criminaes fies libellos
Que contra o criminoſo com diſvellos;
Poem eſſes dous Authores em juizo,
Julgo, que pelo, maximo prejuizo,

Que

Que aos Authores tem feito
Caſtigo deve ter, pois em direito;
Ser deve caſtigado
Aquelle que commete algum peccado,
Pois o direito ordena
Que de qualquer delicto ſe dê pena;
Aſſim o diz o Padre Meſtre Ignacio
E tambem eſſe Author do cartapacio
Com razaõ, que naõ póde ter debate
Que o caſtigo ſempre he *pena peccati*:
E como diz o texto
Bem ſe deve evitar pelo pretexto
De ſer prejudicial á gente toda
Naquella que naõ traz o mal por moda
E mais pela razaõ com que vintila
A ley que expreſſa diz *parva ſcintilla*,
E depois, iſto aſſim ſendo primeiro,
Fica já tudo ſendo verdadeiro
A palavra com fé ſem que ſe abale
Pela ley de *omne verbum perſonale*,
E como verdadeiro *omne tenetur*
Clara virtus æternaque habetur;
Porque depois do mal perder as poſſes
Tudo o mais que vier, he hum *Aſſis floris*.
Iſto aſſim ponderado
Mando que o Seraõ ſeja degradado
Para o Braſil por tempo de ſeis mezes,
E no cazo que torne cá mais vezes
Levará c'uma ſola decontado
Trinta açoutes no meyo do coſtado,
E feito o peloſinho em trinta cacos
Logo irá para a Ilha dos Macacos,
E ſe acaſo tornar cá deſta ida
Para a India embarcará por toda a vida,
E para em nada o Réo fazer jactancia

Mando

Mando que pague as cuſtas deſta inſtancia
Senaõ tiver com que, mando que ſeja
Prezo no Limoeiro, e que lá eſteja,
Té que ſem mais demora
Và navegando pela barra fòra,
Lisboa a tantos dias de tal mez
Anno de cincoenta e dous por eſta vez.

Dada que foy a Sentença, achouſe que o tratante naõ teve com que pagar as cuſtas da Sentença, e logo os dous machacazes agarratorios com unhas, e dentes, ſe atracaõ com o miſeravel Seraõ, e de repente o pregaraõ no Limoeiro, aonde eſteve, até que algemado o paſſaraõ ao navio, para hir cumprir o ſeu degredo, ficando aſſim aquella congregaçaõ de levantados aprendizes, livre da ſarna, que tanto o fio do lombo lhe comia, e tanto nos ſeus cachaços cascoava.

AMSTARDAM:

En la Nueva Imprenta de BELCHIOR CHEFELE', &c.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA